

REFLEXÕES SOBRE A POESIA DO OPRIMIDO

Thereza da C. A. Domingues (CES/JF)

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

Considerações sobre os princípios da literatura engajada, a partir de Vitor Hugo, no Romantismo francês. Exemplos de poetas brasileiros em cujas obras encontram-se poemas sobre temas de opressão, desde Gregório de Matos a Castro Alves, chegando ao Modernismo, com Mário de Andrade. Carlos Drummond de Andrade. João Cabral de Melo Netto, Ferreira Gullar. Murilo Mendes.

Palavras-chave: Poesia. Opressão. Romantismo. Literatura engajada.

ABSTRACT

Considerations on the principles of engaged literature from Victor Hugo, of French Romanticism. Examples of Brazilian poets whose work contains poems with themes on oppression from Gregório de Matos to Castro Alves. Modernism with Mario de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Netto, Ferreira Gullar, Murilo Mendes.

Keywords: Poetry. Oppression. Romanticism. Engaged literature.

“O tempo pobre, o poeta pobre,
fundem-se no mesmo impasse.”
(CDA “A flor e a náusea”)

Vinda de outras terras, a literatura engajada ou ideológica teve e tem inúmeros representantes no Brasil, proveniente de uma longa tradição. Na França, temos Vitor Hugo, em **Les miserables** (1862), como protótipo do criador que não se curvava às regras estabelecidas e procurava conscientizar seus leitores do profundo desnível social que caracterizava a sociedade francesa. No naturalismo francês, Émile Zola escreve “J’accuse” (Acuso), carta aberta ao presidente de sua pátria defendendo o capitão judeu Alfred Deyfus da acusação de traição.

Já Sartre, um dos defensores da literatura engajada, em sua obra **Que é literatura?** propõe que o escritor deva utilizar-se de sua liberdade criadora, contribuindo para a formação de leitores capazes de avaliar os acontecimentos históricos, políticos e sociais de uma sociedade.

No Brasil, temos, desde o início de nossa colonização, bons autores que se dedicaram com empenho a chamar a atenção para o sofrimento do povo. Poderíamos começar com o exemplo de Gregório de Matos em seus poemas de cunho satírico. A seu respeito, diz-nos Antônio Dimas (1983, p. 20) que, provindo de Portugal, encontra “no Brasil, terreno propício para construir antíteses sobre o que a realidade lhe oferecia de mão beijada”, pois aqui, “um país carente de meios tons em termos de distribuição de classes sociais” faz Gregório soltar-se e chamar a atenção para “uma sociedade na qual ele associa a pobreza individual à honestidade inútil e a pobreza coletiva ao domínio econômico estrangeiro.”

Passando pelas **Cartas Chilenas**, que mereceriam um ensaio só a elas dedicado, por ser um “documento que fornece o flagrante mais vivo do cotidiano mineiro setecentista durante uma crise que a paixão da escrita e a alta qualidade do texto não fazem senão tornar mais aguda e palpável para o futuro [...]” (EULÁLIO, 1983, p. 25).

No Romantismo, como um dos fortes exemplos de poesia de conteúdo social, temos Castro Alves, o poeta condoreiro, que trata em vários poemas do sofrimento do escravo. Nota-se nele uma afiliação à estética do grotesco como propôs Vitor Hugo. Vejamos um trecho do poema “O navio negreiro”:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho.
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais ...
 Se o velho arqueja, se no chão resvala,
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais... (ALVES, 1990,p.103)

Bataille, em seu livro **La literatura y el mal**, propõe a idéia de que a literatura é um processo no qual se podem articular vivências capazes de representar o que está fora dos padrões estéticos, mas capaz de evocar e escrever “o desastre, o gosto amargo das mais violentas paixões, a escolha pelo lado deformado, sofredor”. (p. 50)

Passemos para o séc. XX, com o Modernismo Brasileiro, quando se nota um salto avançado dos escritores de comprometimento social. A literatura brasileira assume, então, tanto na poesia quanto na prosa, uma tonalidade crítica mais audaciosa.

Vejamos o poema “ódio ao burguês”, em que Mário de Andrade chama a atenção para os posicionamentos egoístas dos mandatários da sociedade paulistana:

Come! Come-te a ti mesmo, oh gelatina pasma!
 Oh! purée de batatas morais!
 Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!
 Ódio aos temperamentos regulares!
 Ódio aos relógios musculares! Morte à infâmia!
 Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
 Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,

sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gijolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!
Fora! Fu! Fora o bom burgês!... (1988, p.92)

Os anos 20 e 30 assistem ao convívio do experimentalismo artístico com uma crescente preocupação de ordem política e social:

A literatura se politiza passo a passo, à direita e à esquerda. De norte a sul, as páginas literárias cobrem-se de migrantes deserdados tanto pelas relações sociais iníquas como pela natureza adversa, no caso do nordeste. (AGUIAR, 1999, p.13)

Nosso poeta maior, em 1945, período da segunda guerra mundial, publica o poema “A morte do leiteiro”:

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma lenda,
que ladrão se mata com tiro.
Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade. (DRUMMOND, 1945, p. 13,14).

A partir daí, sabemos que muitos poetas surgiram trabalhando com a poética do oprimido, mas foram calados pela repressão dos governantes da época. O caso mais flagrante é o do poeta Ferreira Gullar que, mesmo no exílio, não deixou de levantar sua voz contra a opressão e a favor do oprimido como em “Não há vagas”:

O preço do feijão
 não cabe no poema. O preço
 do arroz
 não cabe no poema.
 Não cabem no poema o gás
 a luz o telefone
 a sonegação
 do leite
 da carne
 do açúcar
 do pão.
 [...]
 – porque o poema, senhores,
 está fechado: “não há vagas”
 Só cabe no poema
 o homem sem estômago
 a mulher de nuvens
 a fruta sem preço. (**Toda poesia**, p.224)

Surgiram os poemas de João Cabral de Melo Neto que direcionava sua postura engajada ao período de seca e às subcondições dos degredados que dela eram vítimas. É interessante observar que o poeta de **Morte e Vida Severina** recebeu aprovações com a escrita e publicação desse poema que se transformou um lema dos brasileiros, vindo a se tornar peça teatral, musicada pelo cantor e compositor Chico Buarque de Holanda.

Ao contrário de Cabral, Gullar, poeta panfletário, socialista, empenhado nas questões políticas e sociais do país, escreve seu polêmico **Poema sujo**, quando no exílio em Buenos Aires. De lá, ele escreve:

Era a vida a explodir por todas as fendas da cidade
 sob as sombras da guerra: a gestapo a wehrmacht a raf a feb a
 blitzkrieg catalinas torpedeamentos a quinta-coulna os fascistas os
 nazistas os comunistas o repórter Esso a discussão na quitanda a
 querosene o sabão de andiroba o mercado negro o racionamento

o blackout as montanhas de metais velhos o italiano assassinado na Praça João Lisboa o cheiro de pólvora os canhões alemães troando nas noites de tempestade por cima da nossa casa. Stalingrado resiste. (1985).

Na disciplina que ministramos no Mestrado neste semestre sobre poesia, propusemos o tema da exclusão e privilegamos cinco linhas de pesquisa: Opressão e trabalho; Opressão e pobreza; Opressão e racismo; Opressão e gênero; Opressão e idade e, finalmente, Opressão e política, trazendo para análise em classe autores de muita expressividade, além dos citados acima: Helena Parente Cunha, Manoel Bandeira, Affonso Romano de Sant'anna, Henriqueta Lisboa e Gilberto Mendonça Teles. As análises eram realizadas de tal modo que os aspectos literários do texto fossem bem apreendidos e ressaltados, juntamente com o fio temático e o contextual, pois concordamos com Antonio Candido que afirma: "É o teor literário que faz a verdade da escrita porque permite transformar o fato em significado". (1999, p. 9).

Para encerrar este ensaio, quero chamar à cena o nosso juizforano Murilo Mendes, com o simbolismo e o misticismo que emanam de sua poesia:

 Chegam nus, chegam famintos
 À grade dos nossos olhos.
 Expulsos da tempestade de fogo
 Vêm de qualquer parte do mundo,
 Ancoram na nossa inércia.
 Precisam de olhos novos, de outras mãos,
 Precisam de arados e sapatos,
 De lanternas e bandas de música,
 Da visão do licorne
 E da comunidade com Jesus.
 Os pobres nus e famintos
 Nós os fizemos assim.
(Poesia e liberdade, 1995, p.429).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio (Org.) **Cem palmos medidos**: terra, trabalho e conflito na literatura brasileira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- ANDRADE, Mário de. **Os melhores poemas**. São Paulo: Global, 1983.
- BATAILLE, George. **La literatura y el mal**. Barcelona: Ediciones Elaleph, 2000.
- CASTRO, Alves. **Literatura comentada**. São Paulo: Nova cultural, 1990. p. 103 - 143.
- DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento**: de Pascal a Sartre. São Paulo: EDUSC, 2002.
- DIMAS, Antônio. Gregório de Matos: Guerra ao português. In: SCHWARZ, Roberto (Org.) **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 13 - 20.
- EULÁLIO, Alexandre. O pobre porque é pobre pague tudo. (Carta VIII, 255). In: SCHWARZ, Roberto (Org.) **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 21 - 25.
- GULLAR, Ferreira. **Poema sujo**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- HELENA, Lúcia. **Modernismo brasileiro e vanguarda**. São Paulo: Ática, 1989.
- MENDES, Murilo. Poesia e liberdade. In: **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 429.
- MELO NETO, João Cabral de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1997.
- SARTRE, Jean Paul. **Que é literatura?** São Paulo: Ática, 2004.

